

Escrita acadêmica: um processo de inscrição e implicação do dizer

Maria Claudiane Silva de Souza – GETED- UFRN

Claudiane.23@hotmail.com

Sulemi Fabiano Campos (UFRN/PPgEL/GETED/GEPPEP)¹

sulemifabiano@yahoo.com.br

Este trabalho parte das investigações desenvolvidas pelo Grupo de Estudos do Texto e do Discurso GETED – UFRN. A produção escrita, mais especificamente no âmbito acadêmico, trata-se da realização de um trabalho tecido a partir do entrelaçamento realizado entre a língua, através da utilização de palavras, que significam e dão forma à escrita; o sujeito do dizer e sua relação com a linguagem, visto que, por meio das palavras escolhidas escreve “metaenuncia” e se inscreve no seu dizer; e o conhecimento, que exerce no texto função articuladora do saber. A escrita configura-se, assim, como um espaço que presentifica os fios discursivos de vozes teóricas mobilizadas no texto e os movimentos enunciativos realizados pelo sujeito enunciador, que, de forma singular, elabora seu dizer na materialidade linguística. A escrita acadêmica é o nosso tema de pesquisa. Procuramos responder a seguinte pergunta: Quais as glosas de respostas metaenunciativas de nomeação do discurso do outro - os pesquisadores inscrevem na escrita de seus texto -? Para tanto, objetivamos investigar: 1) através de marcas linguísticas, quais as figuras de respostas do modo de dizer emergem na escrita do aluno em referência ao discurso do outro; 2) observar, se a escolha dessas figuras de respostas favorece a inscrição do sujeito na articulação do seu dizer. Nesse sentido, o nosso corpus é composto por recortes de texto, selecionados de uma monografia de mestrado do curso de Letras, disponível no portal de domínio CAPES. Buscamos a fundamentação nos pressupostos teórico-metodológicos das formas de modalização autonímica, que se realizam por meio do desdobramento metaenunciativo, chamadas por Authier-Revuz (1998) de “figuras do bem dizer”: figuras que mostram as formas de respostas metaenunciativas, que o sujeito discursivo formula ao deparar-se com o discurso do “outro”. Sendo essas glosas metaenunciativas perceptíveis na superfície textual que mostram o modo como o pesquisador elabora o seu dizer e os jogos que este estabelece com a língua(gem).

Palavras- chave: Escrita acadêmica; Metaenunciação; Sujeito do dizer.

¹ Professora Adjunta do Departamento de Letras da UFRN e do PPgEL. Líder do GETED e Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa Produção Escrita e Psicanálise/GEPPEP.

Considerações iniciais

“O que vi, sempre, é que toda ação principia mesmo é por uma palavra pensada. Palavra pegante, dada ou guardada que vai rompendo rumo”.(Guimarães Rosa, J. in Grande sertão:veredas).

O trecho em epígrafe, extraído do livro Grande sertão: veredas nos serve de inspiração para a presente pesquisa, que tem por objetivo principal investigar o modo de inscrição dos sujeitos enunciativos, mais particularmente, os pesquisadores acadêmicos, que na produção de textos monográficos utilizam as palavras para elaborar modos de respostas ao discurso do “outro” que a escrita acadêmica lhe impõe.

Na e pela linguagem através das palavras habitamos o mundo. Só por meio do uso da linguagem nos tornamos capazes de interpretar e significar os mais variados sentidos que permeiam a realidade do universo. Os elementos da linguagem são as palavras ou signos que são usados para nomear coisas, pessoas, animais e tudo o mais que o ser humano deseja dar vida através da nomeação. Por adquirir significados e significações por meio do homem e por ser o homem um ser que reside em um mundo estratificado e heterogêneo que apresenta realidades e línguas diversas, as palavras também adquirem significados distintos delas mesmas. Sejam esses significados internos a própria língua em sua estrutura, seja no uso, onde os seus sentidos realmente ganham vida, seja nos processos enunciativos.

Assim sendo, as palavras são como raios que refletem os processos enunciativos, dialógicos, discursivos, dentre outros, realizados pelos sujeitos que se concretizam por meio da língua. Toda ação, como exemplifica a epígrafe de Guimarães Rosa, “principia pelo uso da palavra pensada”. Dessa forma, pelas palavras enunciamos, e por elas também materializamos nossas ações através da escrita. Quando falamos ou escrevemos, damos vida à palavra, e, com ela também dialogamos. O problema é que a palavra que eu digo não é só minha, ela habita sempre um mundo do “já dito”, o que a permite ir “rompendo rumo”. Eu não falo sozinho e o que eu falo não é só meu, é também do outro. A minha palavra traz a voz do outro. Cada palavra é, por essência, marca de outras vozes que constitui todo discurso.

A escrita também é uma prática de linguagem. Como tal, aquele que escreve adentra esse mundo de pluralidade de sentidos que repousa na superfície da língua.

Nesse sentido, o produtor de um texto exerce a função de “descriptor tão particular do sentido das palavras” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p.29). Com essa noção, Authier nos mostra quão relevante é o papel do autor de um texto na articulação das palavras que escreve.

Sendo, portanto, o enunciador, o responsável pelos efeitos de sentidos que sua escrita produz. Esses efeitos de sentidos são perceptíveis na materialidade linguística do texto. Por meio da tessitura textual podemos observar aos modos como o sujeito negocia com os vários sentidos que brotam das palavras e dos discursos que emergem no percurso do seu dizer. Que, sustentado pela linguagem o enunciador escreve, por conseguinte, se inscreve pelo modo como mobiliza a linguagem.

Desse modo, podemos depreender que, para haja uma produção escrita que “diga alguma coisa” dependerá da maneira como o sujeito que escreve movimenta a língua, assumindo uma postura que seja capaz de colocar-se na língua (gem), alinhando-a, a “serviço” do seu “querer” dizer de forma a desafiar as palavras a produzir, na escrita algo que ressoe uma produção de sentido desejado.

O texto acadêmico assume, nesse sentido, características especiais, na medida em que, sua produção dependerá necessariamente da introdução da voz do discurso da ciência, sob forma de teorias que tem função mediadora do conhecimento. Como base, a teoria é o que dar validação ao discurso acadêmico, mas também esteio, para produção de novos saberes.

Dessa forma, a escrita acadêmica configura-se assim, em um espaço que convoca o estudante a se posicionar frente às teorias de forma a dar uma significação, considerando os saberes como algo que pode ser questionado, interpretado e até mesmo ressignificado, dependendo do modo como o aluno tece, entrelaça o dizer do “outro” em sua escrita.

HETEROGENEIDADES: o não - um no um do discurso

O caráter constitutivo e heterogêneo da língua se fundamenta na relação que ela mantém com o seu exterior. Para mostrar como se dá a relação e articulação de vozes dialógicas da linguagem com o seu exterior em um ato enunciativo, recorreremos aos exteriores teóricos da psicanálise Freud/ Lacaniana, que ao conceber o entendimento sobre o ato enunciativo, afirma que o sujeito do discurso, na articulação de seus enunciados mobiliza sentidos diversos, e através de suas palavras, “outras palavras” são ditas, onde, mesmo na emissão de uma única voz, se faz ouvir uma “polifonia” onde o “discurso parece se alinhar sobre várias pautas de uma partitura” sendo todo discurso constitutivamente atravessado pelo “discurso do outro” (AUTHIER, 2004, p.69). E na visão teórica do dialogismo do círculo de Bakhtin, (1997) que concebe a enunciação, como sendo, a realização de uma troca verbal que o locutor realiza utilizando as palavras. Portanto, defendendo a ideia de que no ato enunciativo os sujeitos “inscrevem constitutivamente a presença das palavras dos outros no discurso” fazendo da “interação com o discurso do outro a lei constitutiva de qualquer discurso” Authier-Revuz (2004, p. 68).

Conforme as teorias expostas, o ato enunciativo estabelece uma relação entre a língua e o seu exterior, em que, a enunciação será sempre uma rede tecida por fios, palavras de sentidos e significações diversas, advindas de discursos outros, entendidos como realidade fundante da realidade heterogênea e constitutiva da língua.

Atenta a essas questões alteritárias, que permeia toda atividade linguageira Authier (1998) elabora os construtos teóricos das heterogeneidades ou não-coincidências enunciativas. Figuras que evidenciam de diversas maneiras a presença do “outro” no discurso. Algumas, de forma mostrada marcada e outras de forma mostrada não marcada detectáveis por meios de marcas lingüísticas e discursivas que revelam sua presença. Focalizaremos nossa análise nas figuras de heterogeneidade mostrada na forma de modalização autonímica realizadas por meio dos desdobramentos metaenunciativos opacificantes, denominada pela linguista defiguras do “bem dizer”.

Com base no princípio que fundamenta a propriedade reflexiva da língua, condição que possibilita ao enunciador retornar as suas palavras anteriormente enunciadas, ou seja, na capacidade que a língua tem de ser sua própria metalinguagem de Benveniste (2003), Authier-Revuz elabora um tipo específico de forma reflexiva, a modalização autonímica. A modalização autonímica é um fato de enunciação que não se

realiza de forma clara no trajeto do dizer, tornando-a dúbia de sentidos “outros”, tornando a enunciação opacificante, confusa, não-coincidente, exigindo uma complementação. É, portanto, uma situação enunciativa que obriga o enunciador a desdobrar a enunciação, metaenunciar, realizando uma espécie de “negociação” com a materialidade linguística com esses “sentidos “outros” inscrevendo formas de respostas, por meio de comentários metaenunciativos na tentativa de controlar ou não o seu dizer com a heterogeneidade constitutiva própria do dizer e do sentido.

FIGURAS METAENUNCIATIVAS DO “BEM DIZER”

As figuras metaenunciativas de “bem dizer” se particularizam pela forma como o enunciador elabora os comentários metaenunciativos de respostas às questões de “nomeação” aos encontros com o “outro” o não- um de sentidos. São, portanto, modos de respostas que possibilitam ao enunciador acolher em seu dizer de maneira festiva esses outros sentidos que, apareceram de modo imprevisto na sua enunciação fato resultante das não-coincidências que o afeta.

As figuras metaenunciativas de respostas de “bem dizer” se caracterizam, mais especificamente, pelo modo de dizer do enunciador que, “abrindo-se ao desvio de uma não-coincidência”, desdobra sua resposta recorrendo às “instâncias fundadoras do dizer – a intencionalidade, o consenso no emprego dos signos, a verdade, a responsabilidade individual, o desejo” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 54). Sob modos de explicitação e avaliação implícita das palavras empregadas de modo a ancorar esse não-um ao um da língua.

As figuras metaenunciativas do “bem dizer”(AUTHIER-REVUZ, 1998. p.53 - 79) são divididas pela linguísta em quatro categorias:

1. Um dizer em acordo com a intenção do dizer

O dizer, em acordo com a intenção de dizer, são figuras de confirmação enfáticas do dizer elaboradas pelo enunciador como meio de proteção da dispersão heterogênea do sentido. Essas figuras de respostas expressam o esforço do enunciador em manter o controle do seu discurso, produzindo respostas metaenunciativas sob três níveis de confirmação: um dizer efetivamente produzido, confirmado explicitamente sua intenção subjetiva e responsabilidade individual pelo que enuncia; X, sim. Um dizer desejado, confirmando sua intencionalidade, X, eu digo X, confirmando o seu dizer em dois planos de intencionalidade: minimal e profunda, X, eu digo mesmo X. Dessa forma, todas fazendo uso dos recursos morfológicos e sintáticos da língua, como: (advérbios, pronomes, verbos...).

2. Um dizer em acordo com as leis do dizer

O dizer, em acordo com as leis do dizer, são figuras de respostas em que o enunciador não só confirma sua intenção de enunciação, como também legitima sua intenção por meio de um acordo com as leis (exteriores) do dizer, com o que é permitido dizer pelas regras dos discursos já estabelecidos, legitimado pelo “um” do discurso. Nessa figura de resposta, o acordo com as leis do dizer se dá de duas maneiras: (a) uma nomeação admissível: o que pode ser dito como verdade que fixa o sentido, um x que se pode dizer; o que se pode chamar; o que se pode falar... Utilizando-se das formas verbais do auxiliar modal poder, modalidade deôntica de permissão, no modo indicativo afirmativo; b) a nomeação obrigatória: um X que se deve dizer, nomeação

que bloqueia todas as outras formas possíveis de nomeação, como não sendo possível nomear o referente de outro modo. Elaborando comentários explicativos através dos: é preciso dizer; pois que é preciso chamar... Ainda pelo modo: a coragem de dizer o verdadeiro nome: não tenho receio de dizer X. Confirmando o dizer de modo claro, corajoso, registrando o dizer pelos pronomes pessoais (eu, ou nós) pela exortação; via imperativo, a coragem de dizer X: não tenhamos medo; chamamos; dizemos; ousaremos chamar; sim ousa dizer... De modo a confirmar a plenitude do seu dizer.

3. A nomeação assumida como ato pessoal: eu digo ‘X’ que eu proponho/ decido dizer

As figuras de nomeação como ato pessoal se configuram como uma nomeação “legitimada”, em que o enunciador quer assumir seu ato de enunciação, responsabilizando-se pelo que diz sem recorrência aos exteriores discursivos para apoiar ou explicar o que enunciou como verdade já estabelecida, mas sim, como decisão sua de nomear. Representado sob o modo de: (a) o caráter pessoal da nomeação: forma marcada pela predominância do pronome “eu”, e, ou “nós” sujeito do verbo de dizer, chamar, pelo uso dos lexemas que mostram a implicação ativa do sujeito – eu proponho; eu forjo; que eu proponho chamar... (b) o caráter iniciante do ato de nomeação: nomeação marcada pelo tempo futuro do verbo dizer, e/ou a presença dos termos como “de agora em diante; não ainda denominado; neologismos; para retomar um termo consagrado...” Abastecendo-se do inventário da língua ou criando palavras novas, o que fica evidente nessa figura de nomeação e a vontade de nomear do sujeito.

4. Um dizer “preenchido” por seu equívoco: é o caso de dizer

Um dizer “preenchido” por seu equívoco: é o caso de dizer se materializa pelo jogo do acaso de algo (palavras, discursos) que chega para o sujeito sem que ele tenha pensado, mais que o sujeito aproveita para agregar ao seu dizer, são formas que expressão:

[...] adeso do enunciadora seu dizer: o x, é o caso de dizer, que coloca o “bem dizer” sob o reino de um acaso que enunciador recebe em seu dizer, aquele, em X, de um outro sentido, de um sentido a mais pelo qual, além do sentido escolhido por ele em X, o equívoco da língua (polissemia, homonímia, trocadilho...) oferece-lhe a surpresa bem-vinda (AUTHIER-REVUZ, 1998, p.75).

Podemos depreende que, um dizer “preenchido” pelo equívoco nasce no espaço do acaso, mais que permite ao enunciador jogar com esse imprevisto para se inscreve no não controle, acolhendo como bem-vindo ao seu querer dizer.

As figuras metaenunciativas de resposta de “bem dizer” são formas discursivas que nos permite observar o modo como o sujeito enunciador interage com a língua e suas mais diversas possibilidades de sentido.

2. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DO CORPUS

Nosso corpus é composto por recortes de texto, selecionados de uma monografia de mestrado do curso de Letras, disponível no portal de domínio CAPES. Dessa forma, por se tratar de um trabalho acadêmico científico de produção de texto, consideramos relevante para a análise que propomos. Utilizamos para observação da nossa pesquisa, recortes retirados da parte da fundamentação teórica, lugar que consideramos pertinente por ser onde o pesquisador fundamenta sua pesquisa e nos possibilita investigar seu modo de dizer por meio do movimento discursivo realizado com relação à voz da teoria na construção do texto.

Excerto1

A nomeação assumida como ato pessoal: eu digo ‘X’ que eu proponho/ decido dizer

O processo de construção de sentido envolve não apenas o acionamento de bases de conhecimento, mas também outros mecanismos mentais. As estruturas de conhecimento podem ser mentalmente manipuladas por meio de mecanismos cognitivos específicos, **a que chamamos aqui de** processos de conceptualização. (grifos nossos, p.42).

Na análise desse excerto, percebemos que o pesquisador elabora sua enunciação recorrendo ao uso da figura de nomeação assumida como ato pessoal. Sua decisão de nomeação é marcada pelo uso dos recursos linguísticos: verbo “chamar” no presente do indicativo “chamamos” com o advérbio de lugar “aqui”, combinação que demonstra sua implicação pessoal na nomeação.

Excerto2

Um dizer em acordo com a intenção do dizer

Pensando assim, em vez de assumirmos que um item está dentro ou fora de uma classe por possuir ou não uma propriedade supostamente comum a todos os itens que nela se encontram, assumimos que os itens se distribuem em classes consideradas não como continentes estanques, com fronteiras delimitadas, **e sim como centro e margens** de conjuntos de elementos que partilham propriedades, relacionados entre si por escalas radiais. (grifos nossos, p.28).

No excerto em análise, observamos que o pesquisador formula sua metaenunciação, em acordo com sua intenção de dizer, sob a forma equivalente a: X, eu digo X. Modo de dizer marcado pelo advérbio no modo afirmativo “sim,” marca linguística que confirma e explicita seu desejo intencional de nomear. Tornando, assim, um dizer realizado de maneira plena sem entraves que o paralise.

Excerto 3

Um dizer “preenchido” por seu equívoco: é o caso de dizer

Com maior ou menor grau de sensibilidade a esses aportes, a **LC constitui conforme feliz metáfora** de Geeraerts (2006, introdução) um arquipélago de propostas para o tratamento da linguagem, [...]. (grifos nossos, p.32).

Aqui, podemos verificar que o pesquisador abre sua enunciação ao equívoco que lhe chega de um outro sentido. Assim, acolhendo de maneira festiva, marcado no texto, pelo adjetivo “feliz”, que serve para demonstrar o estado de felicidade do sujeito que, aceita esse sentido vindo do acaso, daquilo que não intencionava dizer, mas que enunciador recebe como íntima coincidência.

Considerações finais

Ao saber das mais diferentes dificuldades encontradas pelos alunos de ensino superior em mobilizar as palavras do outro, das teorias de modo a estabelecer uma relação dialógica, em que, aquele que escreve também possa dizer alguma coisa, os excertos analisados mostram que o uso das figuras metaenunciativas de “de bem dizer” são relevantes para a abertura e o desenvolvimento da escrita.

Nela, percebemos não só a voz da teoria, como também, a voz do aluno que escreve. Ou seja, a voz do “outro” não impede que o aluno articule seu texto, produza um sentido. Apartir do momento em que o pesquisador dar abertura, valoriza, integra, dialoga com esses sentidos advindos do outro, estabelece-se a possibilidade de construção de um lugar enunciativo.

Referências bibliográficas

_____. **Paradas sobre Palavras:** a língua em prova na enunciação e na escrita. Educ. Real, Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 651:679, set./dez. 2011. Disponível em http://www.ufrgs.br/edu_realidade.

AUTHIER-REVUZ, J. A. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas, n.19, p.25:42, jul./dez.1990.

_____. **Palavras Incertas:** as não coincidências do dizer. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.

_____. **Entre a transparência e a opacidade:** um estudo enunciativo do sentido. Tradução de Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**.

Traduzido por Michel Lahud; Yara Frateschi Vieira. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. Mikhail. Os gêneros do discurso. In: Bakhtin, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**: Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luísa Neri: revisão do prof. Isaac Nicolau Salum – 5ª ed. Campinas, SP: Pontes-Editores, 2005.

_____. **Problemas de Linguística Geral II**: Tradução de Eduardo Guimarães et al.; revisão do técnica da tradução de Eduardo Guimarães.– 2ª edição – Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.